

RECONHECIMENTO E FORMAÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DO MIGRANTE: MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE ANÁLISE

RECOGNITION AND FORMATION OF NEW IDENTITIES IN THE MIGRANT INTEGRATION PROCESS: A THEORETICAL-METHODOLOGICAL ANALYTICAL MODEL

Luzia C Costa Becker ¹[0000-0002-3501-2197]

¹ InterAgency Institute

Resumo. No processo migratório, otimizado pelas transformações da globalização, pessoas de diferentes origens entram em contato umas com as outras, implicando múltiplas dinâmicas bem como conflitos sociais, econômicos, políticos e culturais. Em geral, há uma tendência em categorizar os migrantes como estrangeiros provenientes de países simbolicamente desvalorizados além de identificá-los como um grupo problemático. Nesse tipo de abordagem, a integração é entendida como um esforço esperado apenas dos imigrantes, cuja adaptação, muitas vezes equiparada à assimilação, viria atender às expectativas da sociedade majoritária. A disponibilidade da população local em acolher e reconhecer o migrante é desconsiderada. Sua cultura é vista como responsável pelas dificuldades de integração, ignorando-se as condições sociais, por exemplo, as estruturas do sistema educativo e do mercado de trabalho e as instituições da sociedade anfitriã na análise do processo de integração na sociedade. Outras abordagens, contudo, argumentam que não há integração na sociedade, mas que a realização das oportunidades de vida dos imigrantes têm lugar na creche, na escola primária, na associação, no sindicato, no partido, no local de trabalho. A aculturação, enquanto um fenômeno individual e coletivo, pela qual passa o migrante nas diferentes dimensões da integração, quais sejam, estrutural (integração no trabalho e no emprego); social (redes, amizades, filiações de grupo); cultural (competências profissionais e escolares, nível linguístico, orientações normativas); e identitária (sentimentos de pertença à sociedade), evidencia estranhamentos culturais impactantes na sua condição psicossocial. Sob tal perspectiva, considerando a hermenêutica de habitus e as estratégias de aculturação e identidade cultural, propõe-se um modelo teórico-metodológico-analítico do processo de aculturação e integração como luta por reconhecimento e formação de novas identidades.

Palavras-chave: Migração, integração, aculturação, habitus, identidade

Abstract. In migration processes, optimized by globalization-driven transformations, people from different origins come into contact with each other, which entails multiple dynamics, as well as social, economic, political, and cultural conflicts. There is a general tendency to categorize migrants as foreigners from symbolically devalued countries and to identify them as a problematic group.

In this type of approach, integration is understood as an effort expected only from immigrants, whose adaptation, often equated with assimilation, would meet the expectations of the majority of society. Local population's willingness to welcome and recognize migrants is disregarded. Migrants' culture is deemed responsible for integration difficulties while social conditions, like educational system and labor market structures and the institutions of the host society are ignored in the analysis of integration processes within a society. Other approaches, however, argue that there is no single integration within a society. They argue, instead, that the realization of immigrants' life opportunities take place in kindergartens, elementary schools, associations, unions, parties and workplaces. Acculturation is here understood as an individual and collective phenomenon that migrants experience in different dimensions of integration: structural (integration into work and employment); social (networks, friendships, group affiliations); cultural (professional and school skills, language level, normative orientations); and identity integration (feelings of belonging to society). Acculturation processes bring to light cultural estrangements that impact on migrants' psychosocial condition. From this perspective, considering the hermeneutics of habitus and the strategies of acculturation and cultural identity, we propose a theoretical-methodological analytical model of acculturation and integration processes as a struggle for recognition and formation of new identities.

INTRODUÇÃO

A busca por reconhecimento e integração coloca grandes desafios àqueles que migram e experimentam a aculturação. Vista como um esforço apenas dos migrantes, dentre outros aspectos, a integração bem-sucedida é aquela em que os migrantes se tornam invisíveis pois completamente integrados na sociedade majoritária. Sua cultura é tida como responsável pelas dificuldades de integração, ignorando-se condições sociais como as estruturas do sistema educativo e do mercado de trabalho e as instituições da sociedade anfitriã na análise do processo de integração. Filsinger et al. (2013, p. 10) tecem duras críticas a esse conceito restrito de integração, argumentando que não há integração *na sociedade*, mas realização das oportunidades de vida dos imigrantes e dos antigos residentes nas diferentes dimensões da integração, quais sejam, estrutural (integração no trabalho e no emprego); social (redes, amizades, filiações de grupo); cultural (competências profissionais e escolares, nível linguístico, orientações normativas); e identitária (sentimentos de pertença à sociedade).

No que se refere às instituições, o esforço significa remover os obstáculos e abrir o acesso. No que concerne aos indivíduos significa ajustar atitudes e comportamentos às mudanças de condições. No primeiro caso, destaca-se o avanço da política de integração ao incorporar conceitos e medidas mais próximas da alteridade democrática e no segundo caso, destaca-se o processo de aculturação no qual a construção da alteridade evidencia estranhamentos culturais impactantes na condição psicossocial do migrante. Assim, o objetivo dessa intervenção é apresentar um modelo teórico-metodológico-analítico da condição híbrida do migrante que passa por um processo desafiador de adaptação à nova estrutura socioeconômica do país receptor e ao mesmo tempo sofre o impacto da aculturação na sua condição psicossocial.

Considerando cultura como padrões de significados historicamente transmitidos que

orientam nossa identidade, nossos valores e nossas práticas (Geertz: 1973), a aculturação significa, de início, a desorientação desses padrões com expressivo impacto sobre a identidade do indivíduo. Segundo Redfield et. al (1936 apud Berry: 1997, p.3), “aculturação compreende os fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos com culturas diferentes entram em contato direto com as mudanças subsequentes nos padrões de cultura originais de um ou de ambos os grupos”. Uma diferenciação importante entre aculturação como fenômeno coletivo e aculturação psicológica é apontada por Graves (1967) permitindo-nos compreender a dinâmica de construção e reconstrução da relação de alteridade no processo de integração. No caso coletivo, a aculturação é uma mudança na cultura do grupo; no caso individual, é uma mudança na psicologia do indivíduo. Essa distinção entre níveis é central por dois motivos: primeiro, para examinar as relações sistemáticas entre esses dois conjuntos de variáveis; e segundo, porque nem todos os indivíduos participam na mesma extensão da aculturação geral experimentada por seu grupo, havendo um estreito vínculo entre os processos psicológicos pelos que atravessa o migrante e o seu grau de adaptação (conforto psicológico).

Segundo Berry (1997, p. 3), embora as mudanças gerais possam ser profundas no grupo, os indivíduos variam muito no grau em que participam dessas mudanças na comunidade. Para o autor, a diferença pode estar relacionada à diferença de *habitus* e à capacidade do indivíduo ser resiliente diante dos desafios. *Habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que funcionam como princípios geradores e organizadores das representações e das práticas dos agentes o qual junto com os conceitos de capital e campo, fundamenta a teoria da prática de Bourdieu (2009, p. 86-87). Nessa teoria, as práticas classificatórias, gostos culturais e estilos de vida são fruto da posição de cada indivíduo, que por sua vez é decorrente da relação entre as origens (*habitus*) e os capitais (econômico, social, cultural e simbólico) herdados e/ou acumulados. Considerando a hermenêutica do *habitus* (BREMER et. al: 2013), tem-se o acesso empírico aos meios sociais que produz desigualdade e diferença.

Para Rehbein et. al (2015), há na sociedade capitalista, indivíduos cujo *habitus* incorporado apresentam maiores chances de reconhecimento social, quais sejam, “aqueles que efetivamente incorporaram o autocontrole, a disciplina e o pensamento prospectivo” como princípios normativos. Este tipo de *habitus* é primariamente produzido e valorizado na sociedade capitalista e tem alto capital social e cultural. Os indivíduos com um *habitus* diferente são menos valorizados ou não são de todo, integráveis. Os autores argumentam que o conceito de *habitus* permite uma visão diferenciada da reprodução da desigualdade social na prática quotidiana dos atores sociais: esta assenta não só na distribuição desigual dos vários tipos de capital como distribuição desigual dos recursos, mas também na diversidade dos sistemas de disposição habitual visto que *habitus* é o resultado do processo de socialização. Sob tal perspectiva, a distribuição desigual de capital e *habitus* entre as classes e sua transferência de uma geração para a seguinte garantem que os cidadãos dentro de uma estrutura de classes tenham chances desiguais desde o início. Os mecanismos da desigualdade social ligam as diferenças a uma classificação social que divide as pessoas em classes e lhes atribui diferentes oportunidades sociais o que se reproduz no contexto migratório. Nestes termos, enquanto a classe baixa é desprestigiada, a classe média tem um hábito que permite uma vida de dignidade. A classe alta é também caracterizada por um *habitus* sensível e expressivo. Promovem as realizações mais reconhecidas não apenas no trabalho profissional, mas também na vida cotidiana e na cultura, para que possa legitimar sua posição superior e se referir às suas próprias conquistas. São quatro

tipos de hábitos definindo quatro classes sociais, quais sejam, marginalizados, batalhadores, estabelecidos e favorecidos (REHBEIN et al: 2015, p. 55-63) para os quais a aculturação e a integração revelam-se bem diferentes.

Tomando o conceito de aculturação como processos e resultados gerais – tanto culturais quanto psicológicos – do contato intercultural (BERRY: 1997, p. 2), busca-se a partir da discussão teórica sobre tema, variáveis de análise do impacto do habitus do migrante no processo de adaptação-integração. Considerando as perspectivas teóricas sobre aculturação-adaptação, desde as primeiras proposições analíticas do fenômeno, como a teoria da U-Curve e o choque cultural (LYSGAARD: 1955; OBERG: 1960) até as abordagens de análise da complexidade e interdisciplinariedade do fenômeno como o modelo de estratégias de aculturação e identidade (BERRY: 1997) e o modelo de Identidade cultural (SUSSMAN: 2002) chega-se a quatro estratégias de adaptação, quais sejam, integração, separação, assimilação e marginalização e a quatro tipos de identidade pós adaptação, quais sejam, afirmativa, subtrativa, aditiva e global. Essa última, combinada ao capital internacional e associada aos capitais cultural, simbólico, social e econômico tende a produzir indivíduos-mundo (identidade negociada, construída e constantemente recriada) em posição oposta ao indivíduo-ilha (identidade em choque) cujo processo de integração, em meio a elevado grau de estresse, leva à perda do autoconceito, aspecto base da identidade cultural (ZAHARNA: 1989). Migrantes, cujo habitus favorece a adoção de novos comportamentos e paradigmas mentais, flexibilizando assim sua identidade cultural original, tendem a ser mais bem-sucedidos por superarem com êxito a dinâmica estresse-adaptação. Para Kim (1995), a experiência de sutil e frequente crescimento psicológico, no sentido de uma incrementada complexidade do sistema interno do indivíduo, faz emergir uma nova identidade intercultural.

A perspectiva teórico-analítica da migração – no que se refere a descrição das transformações que a aculturação provoca na identidade do migrante e os efeitos desse processo de desconstrução-reconstrução do *eu* sobre a sua adaptação – é ampliada pela perspectiva sociológica da hermenêutica do habitus possibilitando tratar as entrevistas em profundidade como material importante na elucidação do processo de integração como luta por reconhecimento e formação de novas identidades.

Referências

- BERRY, J. W. Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology: an International Review*, v. 46, n. 1, p. 5-68, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso comum*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BREMER, H. & TEIWES-KÜGLER, C. Habitusanalyse als Habitus-Hermeneutik. *Zeitschrift für Qualitative Forschung*, 14 (2), 199-219,

2013.

FILSINGER, Dieter; MATHIAS Geisthardt; TILLMANN Löhr; THILO Scholle; GÜNTHER Schultze. Perspektivenwechsel in der Einwanderungsgesellschaft Deutschland Grundlagen für eine neue Migrations-und Integrationspolitik, Friedrich-Ebert Stiftung, 2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

GRAVES, Theodore D. Psychological acculturation in a tri-ethnic community. South-Western Journal of Anthropology. 23.337-350, 1967.

KIM, YOUNG YUN. Cross-cultural adaptation: An integrative theory. In: WISEMAN, R. L.(Ed.). Intercultural communication theory. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995

LYSGAARD, S. Adjustment in a foreign society: Norwegian Fulbright grantees visiting the United States. International Social Science Bulletin, v. 7, p. 45-51, 1955.

OBERG, Kalervo. Cultural Shock: Adjustment to New Cultural Environments. In: Practical Anthropology 7, S. 177–182. 1960.

REHBEIN, Boike et al. Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland. Konstanz und München: UVK Verlagsgesellschaft mbH, 2015.

SUSSMAN, N. M. Testing the cultural identity model of the cultural transition cycle: Sojourners return home. International Journal of Intercultural Relations, v. 26, n. 4, 2002.

ZAHARNA, Rhonda. S. Self-Shock: the double binding challenge of identity. International Journal of Intercultural Relations, v. 13, p. 501-525, 1989.